

ARTETERAPIA NO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES ACOLHIDOS

Samylla Oliveira Mendes¹;

¹Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES.

<http://lattes.cnpq.br/8757962961914529>

Suzanny Oliveira Mendes².

²Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES.

<http://lattes.cnpq.br/5613486906366786>

RESUMO: Este capítulo analisa as possibilidades da arteterapia no cuidado em saúde mental de crianças e adolescentes em acolhimento institucional. Foi realizada uma revisão narrativa crítica com artigos de texto completo indexados no PubMed e na SciELO. Nove publicações atenderam aos critérios definidos, incluindo estudos diretamente relacionados ao acolhimento, revisões sobre arteterapia infantojuvenil e pesquisas brasileiras sobre saúde mental, vínculos e participação artístico-cultural. Os resultados indicam que a criação artística pode favorecer expressão, interação, percepção de apoio e construção de pertencimento. Entretanto, poucos estudos avaliaram especificamente a arteterapia em instituições de acolhimento e as intervenções apresentaram grande diversidade. Os achados não permitem afirmar que uma técnica ou material seja superior, nem que atividades artísticas substituam acompanhamento clínico quando necessário. A contribuição mais consistente está na oferta de espaços de criação que respeitem as escolhas dos participantes e estejam articulados à rede de cuidado. Conclui-se que a arteterapia apresenta possibilidades relevantes nesse contexto, mas ainda necessita de estudos com amostras maiores, acompanhamento prolongado e participação ativa de crianças e adolescentes na avaliação das práticas.

PALAVRAS-CHAVE: Expressão visual. Proteção integral. Processos criativos.

ART THERAPY IN MENTAL HEALTH CARE FOR CHILDREN AND ADOLESCENTS IN RESIDENTIAL CARE

ABSTRACT: This chapter analyzes the possibilities of art therapy in mental health care for children and adolescents in residential care. A critical narrative review was conducted using full-text articles indexed in PubMed and SciELO. Nine publications met the eligibility criteria, including studies directly related to residential care, reviews of art therapy for children and adolescents, and Brazilian research on mental health, relationships, and participation in arts

and culture. The findings indicate that artistic creation may support expression, interaction, perceived support, and a sense of belonging. However, few studies have specifically evaluated art therapy in residential care, and the interventions varied considerably. The evidence does not establish the superiority of any technique or material, nor does it support replacing clinical care with artistic activities when specialist treatment is needed. The most consistent contribution lies in providing creative spaces that respect participants' choices and are connected to the wider care network. Art therapy therefore offers relevant possibilities in this setting, but further research is needed with larger samples, longer follow-up, and active participation of children and adolescents in the evaluation of practices.

KEYWORDS: Visual expression. Comprehensive protection. Creative processes.

INTRODUÇÃO

A experiência de criar dentro de uma instituição de acolhimento depende de muito mais do que a disponibilidade de materiais. O espaço, a relação com quem acompanha a atividade, a liberdade para participar e o destino da produção interferem diretamente no processo. Quando essas condições são consideradas, a arte pode abrir uma forma de comunicação que não se limita à palavra e permite que crianças e adolescentes expressem interesses, conflitos e modos próprios de perceber o cotidiano.

O acolhimento institucional é uma medida de proteção destinada a crianças e adolescentes que, temporariamente, não podem permanecer com suas famílias. Embora tenha caráter provisório, o período vivido na instituição pode envolver mudanças de rotina, afastamento de vínculos e convivência com regras coletivas. Estudos brasileiros mostram que o perfil dos acolhidos, o tempo de permanência e as condições dos serviços variam bastante. Por esse motivo, não é adequado tratar essa população como um grupo homogêneo ou associar o acolhimento, de forma automática, a um diagnóstico psiquiátrico (Acioli et al., 2019; Carvalho; Lima; Santos, 2026).

Ao mesmo tempo, a saúde mental precisa fazer parte do cuidado oferecido nessas instituições. Em pesquisa realizada com trabalhadores de unidades de acolhimento de Curitiba, Carvalho, Lima e Santos (2026) identificaram dificuldades no manejo do sofrimento psíquico, dependência dos serviços especializados e conflitos entre regras padronizadas e necessidades individuais. Esses dados ajudam a compreender por que uma prática artística não pode ser analisada de forma isolada. Seu sentido depende do ambiente institucional, da preparação da equipe e da articulação com os demais pontos da rede.

OBJETIVO

Analisar as possibilidades e os limites da arteterapia no cuidado em saúde mental de crianças e adolescentes em acolhimento institucional, considerando as evidências disponíveis no PubMed e na SciELO e discutindo aspectos relacionados à expressão, aos

vínculos, à autoria e ao pertencimento.

METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão narrativa crítica nas bases PubMed e SciELO, com buscas concluídas em 12 de setembro de 2026. No PubMed, combinaram-se os termos *art therapy*, *art-based*, *open studio*, *child*, *adolescent*, *youth*, *foster care*, *residential care*, *institutional care*, *out-of-home care*, *mental health* e *psychosocial*. Na SciELO, foram utilizadas combinações em português de *arteterapia*, *arte*, *saúde mental*, *criança*, *adolescente*, *acolhimento institucional* e *institucionalização*. Também foram feitas buscas pelos títulos identificados e examinadas as referências de revisões pertinentes. O filtro de texto completo foi aplicado durante a seleção.

Foram incluídos artigos indexados em pelo menos uma das duas bases, disponíveis integralmente e relacionados a um dos seguintes eixos: *arteterapia com crianças e adolescentes*; *intervenções artísticas em acolhimento residencial*; *saúde mental de jovens acolhidos*; ou *experiências artístico-culturais capazes de esclarecer expressão, vínculo e pertencimento*. Excluíram-se estudos com adultos ou idosos, intervenções exclusivamente musicais ou teatrais, trabalhos restritos à internação hospitalar, textos sem acesso integral e publicações fora do PubMed e da SciELO. Após a leitura dos textos completos, nove artigos compuseram o corpus. As informações sobre objetivo, participantes, intervenção ou recorte, resultados e limitações foram organizadas em uma matriz apresentada ao final do capítulo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Delimitação das práticas e reconhecimento dos sujeitos

A literatura consultada diferencia *arteterapia* de atividades artísticas em sentido amplo. Na *arteterapia*, o processo criativo integra uma relação terapêutica conduzida por profissional com formação específica. Já oficinas culturais ou educativas podem produzir experiências importantes sem possuir finalidade clínica. Essa diferença aparece nas revisões de Bosgraaf et al. (2020) e Versitano et al. (2025), que analisaram intervenções planejadas como tratamento, e também no estudo de Souza, Fernandes e Cid (2025), voltado a projetos de arte e cultura. As duas formas de trabalho podem contribuir para o cuidado, mas não devem ser apresentadas como se fossem equivalentes.

A distinção evita conclusões apressadas. Utilizar tinta, fotografia ou modelagem não transforma automaticamente uma atividade em *arteterapia*, assim como chamar uma oficina de terapêutica não comprova seus resultados. Para compreender cada experiência, é preciso observar quem a conduziu, quais objetivos foram definidos, como os participantes foram acompanhados e que tipo de evidência foi produzida. Essa atenção é especialmente importante no acolhimento institucional, onde convivem ações de assistência social,

educação, cultura e saúde.

Também é necessário reconhecer a diversidade das crianças e dos adolescentes acolhidos. Acioli et al. (2019), ao analisarem 1.300 planos individuais de atendimento no Recife, encontraram diferenças no perfil e no tempo de permanência conforme o tipo de serviço. Em âmbito mais amplo, Trubey et al. (2024) mostraram que intervenções destinadas a jovens em acolhimento familiar, por parentes ou residencial produzem benefícios pequenos no curto prazo, mas não apresentam evidências consistentes de manutenção após seis meses. Esses achados reforçam que resultados obtidos em um serviço ou modalidade de acolhimento não podem ser transferidos diretamente para todos os demais.

A criação artística ganha relevância justamente quando permite trabalhar com essa singularidade. Uma criança pode construir uma narrativa sobre si sem precisar relatar diretamente acontecimentos difíceis. Também pode experimentar materiais, inventar personagens ou produzir algo coletivo. O valor do encontro não depende da revelação de um trauma. Em um espaço de criação livre, o silêncio, a ficção e a recusa também fazem parte das possibilidades de participação (Bat Or; Zusman-Bloch, 2022).

Evidências situadas e limites de generalização

O estudo mais próximo do tema foi realizado por Bat Or e Zusman-Bloch (2022) em uma vila de acolhimento. As autoras analisaram entrevistas e 82 produções de cinco crianças entre sete e dez anos que frequentavam um ateliê aberto. A leitura temática e fenomenológica identificou questões relacionadas à construção de vínculos, à passagem de expressões mais elementares para formas mais controladas, à tensão entre mostrar e esconder, à estabilidade e às mudanças percebidas ao longo do processo. O trabalho oferece uma descrição cuidadosa da experiência infantil, mas envolve poucos participantes e não permite estabelecer efeito clínico ou relação causal.

Outra experiência diretamente relacionada ao acolhimento foi o projeto D'ART-TE, desenvolvido em Portugal. O programa reuniu arte, esporte, realidade virtual e atividades com famílias e pares não institucionalizados. Gameiro et al. (2024) avaliaram 46 crianças e jovens de seis a vinte anos, distribuídos entre grupo experimental e grupo de comparação. Ao final do projeto, o grupo participante apresentou melhora em indicadores como percepção de agressividade, apoio social, autoconceito e desempenho cognitivo e emocional. Como a arte foi apenas um dos componentes do programa, não é possível atribuir os resultados especificamente à atividade artística. O número reduzido de participantes e a composição ampla da faixa etária também limitam a generalização.

A revisão de Blair et al. (2024) amplia essa discussão ao examinar o apoio de diferentes profissionais a crianças e jovens que vivem ou viveram em acolhimento. Entre os treze estudos incluídos, cinco abordaram terapias baseadas em artes. A síntese apontou resultados promissores, principalmente em aspectos ligados à formação da identidade,

mas destacou a escassez de pesquisas e a necessidade de trabalho multidisciplinar. O estudo não permite indicar uma modalidade artística específica, porém confirma que essas práticas precisam ser compreendidas dentro de uma rede mais ampla de cuidado.

Quando se considera a arteterapia com crianças e adolescentes em outros contextos de saúde mental, a base de evidências é maior. Bosgraaf et al. (2020) reuniram 37 estudos e encontraram ampla variedade de materiais, técnicas e formas de atuação do terapeuta. Nenhum recurso se mostrou superior em todas as situações. A revisão mais recente de Versitano et al. (2025) incluiu 23 estudos originais e 67 relatos de caso sobre quadros agudos ou graves. Os autores observaram boa aceitação e resultados favoráveis para sintomas de estresse pós-traumático, depressão, ideação suicida, ansiedade, regulação emocional e comunicação. Ainda assim, as intervenções diferiram muito em duração, frequência e modo de condução.

Esses resultados precisam ser aproximados do acolhimento com cautela. As revisões gerais mostram que a arteterapia pode contribuir para diferentes dimensões da saúde mental, mas não respondem sozinhas como uma intervenção funcionará em uma instituição residencial. Já a revisão de Trubey et al. (2024), voltada especificamente a jovens acolhidos, encontrou efeitos pequenos e de curta duração para o conjunto das intervenções de saúde mental analisadas. A combinação das duas evidências sugere potencial, mas não autoriza promessas de eficácia nem a adoção de um modelo único.

Materialidade, autoria e construção de pertencimento

A materialidade teve destaque no estudo do ateliê aberto. As crianças utilizaram diferentes suportes e objetos e puderam decidir o que produzir e quanto mostrar. Bat Or e Zusman-Bloch (2022) observaram movimentos entre exposição e ocultamento e entre instabilidade e organização nas obras e nas narrativas. Essas interpretações foram construídas a partir do conjunto formado por imagens e entrevistas, não por significados fixos atribuídos a cores ou formas. O estudo mostra a importância de acompanhar o processo, mas também alerta, indiretamente, para o risco de interpretar a imagem sem ouvir quem a produziu.

Na prática, autoria envolve pequenas decisões. Escolher um material, modificar uma composição, guardar uma obra ou não terminar o trabalho são maneiras de conduzir a própria experiência. A revisão de Bosgraaf et al. (2020) mostrou que os materiais e as técnicas são utilizados de forma flexível e precisam responder às necessidades de cada participante. Portanto, não há fundamento para afirmar que uma textura, uma cor ou um tipo de desenho provoque, por si só, calma, confiança ou elaboração emocional.

O pertencimento aparece de maneira semelhante nos estudos sobre acolhimento e participação cultural. No projeto D'ART-TE, as atividades buscavam fortalecer competências pessoais, socialização e relações de apoio (Gameiro et al., 2024). Fora do acolhimento

institucional, seis adolescentes participantes de projetos artístico-culturais relataram que esses espaços ampliaram a circulação pela cidade, as relações sociais, o pensamento crítico e a sensação de pertencimento (Souza; Fernandes; Cid, 2025). Embora os contextos sejam diferentes, os dois trabalhos mostram que a experiência artística também é construída pelas relações e oportunidades que se formam ao redor dela.

Essa aproximação não significa que toda produção coletiva gere pertencimento. Uma obra em grupo pode acolher diferentes contribuições, mas também pode apagar escolhas individuais quando o resultado é decidido apenas pelos adultos ou pelos participantes mais influentes. Da mesma forma, uma criação reservada pode ser importante justamente por oferecer um espaço próprio. O pertencimento deve ser observado na experiência relatada pelos participantes, e não presumido a partir da simples presença em uma atividade.

O papel de quem acompanha o processo merece a mesma atenção. Nas revisões de Bosgraaf et al. (2020) e Versitano et al. (2025), a relação terapêutica e a adaptação da intervenção às necessidades dos jovens aparecem como elementos recorrentes. Souza, Fernandes e Cid (2025) também identificaram os coordenadores dos projetos culturais como referências de apoio e mediadores de novas experiências. Apesar das diferenças entre terapeuta e educador cultural, os estudos convergem ao mostrar que a qualidade da relação não é um detalhe secundário.

Por isso, interpretar uma obra exige cuidado. Perguntar ao autor sobre suas escolhas produz uma relação diferente de atribuir previamente um sentido psicológico à imagem. Um desenho escuro não estabelece diagnóstico, e uma casa representada no papel não comprova desejo de reintegração familiar. A imagem pode sustentar conversas e hipóteses dentro do acompanhamento, mas não deve ser usada isoladamente como prova sobre a história ou o estado emocional da criança.

Privacidade, continuidade e articulação do cuidado

O cuidado em saúde mental dentro das instituições depende da possibilidade de ouvir os adolescentes e adaptar regras às situações concretas. Carvalho, Lima e Santos (2026) verificaram que normas construídas sem participação dos jovens podem aumentar conflitos e se distanciar das necessidades individuais. Em uma atividade artística, essa participação inclui poder escolher materiais, recusar propostas de exposição, decidir se deseja falar sobre a obra e compreender o que acontecerá com ela depois.

Guardar, fotografar e divulgar são decisões diferentes. A autorização para participar não deve ser tratada como permissão automática para publicar imagens ou expor trabalhos. Essa questão se torna ainda mais delicada quando a produção contém informações pessoais ou quando a criança depende da instituição que organiza a atividade. Reconhecer a autoria também significa respeitar o direito de não mostrar e de mudar de decisão.

A continuidade precisa ser planejada com a mesma clareza. Encerramentos inesperados, mudanças de serviço e rotatividade de profissionais podem interferir nos vínculos construídos. A literatura sobre jovens acolhidos aponta que os benefícios de intervenções em saúde mental tendem a ser modestos e nem sempre se mantêm no longo prazo (Trubey et al., 2024). Assim, a arteterapia deve estar articulada ao projeto de cuidado e à rede, sem depender exclusivamente de ações pontuais.

A revisão também evidencia uma lacuna. Entre os artigos com texto completo encontrados no PubMed e na SciELO, apenas dois avaliaram experiências com componentes artísticos diretamente em contextos residenciais, e somente o estudo de Bat Or e Zusman-Bloch (2022) se concentrou em um modelo de arteterapia. O projeto D'ART-TE combinou diferentes estratégias, enquanto os demais trabalhos ofereceram evidências gerais sobre arteterapia ou ajudaram a compreender o contexto institucional. Essa composição impede uma conclusão específica sobre eficácia clínica no acolhimento brasileiro.

Pesquisas futuras devem informar com precisão a formação de quem conduz a atividade, a frequência realmente realizada, os materiais utilizados e outras ações oferecidas no mesmo período. Também é importante incluir a avaliação das próprias crianças e adolescentes, registrar recusas e interrupções e acompanhar os resultados após o encerramento. Estudos comparativos podem contribuir, desde que não reduzam a experiência artística a uma contagem de sintomas. A pergunta central deve permanecer clara: o que mudou, para quem, em quais condições e segundo quais evidências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os artigos analisados indicam que a arteterapia pode favorecer expressão, comunicação, interação e percepção de apoio entre crianças e adolescentes. Nos contextos de acolhimento, as experiências encontradas também aproximaram a criação de temas como identidade, pertencimento e relações sociais. Entretanto, a quantidade de estudos diretamente voltados às instituições residenciais ainda é pequena, e os métodos utilizados são bastante diferentes.

Diante desse cenário, a arteterapia deve ser compreendida como uma possibilidade de cuidado, e não como resposta isolada para o sofrimento psíquico. Sua contribuição depende da formação profissional, da continuidade da proposta, das condições da instituição e da articulação com a rede. Também depende de algo básico: reconhecer crianças e adolescentes como autores. Isso significa respeitar escolhas, silêncios, interpretações e decisões sobre a guarda e a circulação das obras. Quando esses aspectos são preservados, a criação artística pode oferecer um espaço legítimo de expressão e relação. Ainda assim, novos estudos são necessários para avaliar seus efeitos no acolhimento institucional brasileiro.

REFERÊNCIAS

ACIOLI, Raquel Moura Lins et al. Tempo de acolhimento e características dos adolescentes acolhidos por tipo de serviços institucionais. Recife, Brasil, 2009-2013. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 24, n. 2, p. 553-562, 2019. DOI: 10.1590/1413-81232018242.06402017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/zmNT67NrtZLtQT8GXY8hz3b/>. Acesso em: 12 set. 2026.

BAT OR, Michal; ZUSMAN-BLOCH, Reut. Subjective experiences of at-risk children living in a foster-care village who participated in an open studio. *Children*, v. 9, n. 8, art. 1218, 2022. DOI: 10.3390/children9081218. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36010108/>. Acesso em: 12 set. 2026.

BLAIR, Carolyn et al. Allied health professional support for children and young adults living in and leaving care: a systematic scoping review. *Child: Care, Health and Development*, v. 50, n. 1, e13140, 2024. DOI: 10.1111/cch.13140. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37300280/>. Acesso em: 12 set. 2026.

BOSGRAAF, Liesbeth et al. Art therapy for psychosocial problems in children and adolescents: a systematic narrative review on art therapeutic means and forms of expression, therapist behavior, and supposed mechanisms of change. *Frontiers in Psychology*, v. 11, art. 584685, 2020. DOI: 10.3389/fpsyg.2020.584685. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33132993/>. Acesso em: 12 set. 2026.

CARVALHO, Raphaela; LIMA, Acácia Mayra Pereira de; SANTOS, Deivisson Vianna Dantas dos. Compreensão e manejo do sofrimento psíquico em Unidades de Acolhimento Institucional para adolescentes. *Saúde em Debate*, v. 50, n. esp. 1, 2026. DOI: 10.1590/2358-28982026E110384P. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/BvQfFHpZxB9nDdGRqt34ktq/>. Acesso em: 12 set. 2026.

GAMEIRO, Fátima et al. An innovative intervention model for children and young people in residential care: the D'ART-TE Project. *Healthcare*, v. 12, n. 22, art. 2237, 2024. DOI: 10.3390/healthcare12222237. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/39595434/>. Acesso em: 12 set. 2026.

SOUZA, Thaís Thaler; FERNANDES, Amanda Dourado Souza Akahosi; CID, Maria Fernanda Barboza. Promoção à saúde mental de adolescentes: a arte-cultura como estratégia de cuidado psicossocial. *Psicologia & Sociedade*, v. 37, e295894, 2025. DOI: 10.1590/1807-0310/2025v37295894. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/d4LDDXJwwYBwwr8h793LSGN/>. Acesso em: 12 set. 2026.

TRUBEY, Rob et al. Effectiveness of mental health and wellbeing interventions for children and young people in foster, kinship, and residential care: systematic review and meta-analysis. *Trauma, Violence, & Abuse*, v. 25, n. 4, p. 2829-2844, 2024. DOI: 10.1177/15248380241227987. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38362816/>. Acesso em: 12 set. 2026.

VERSITANO, Sarah et al. Art therapy with children and adolescents experiencing acute or severe mental health conditions: a systematic review. Australian & New Zealand Journal of Psychiatry, v. 59, n. 10, p. 863-887, 2025. DOI: 10.1177/00048674251361731. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/40916845/>. Acesso em: 12 set. 2026.

APÊNDICE A MATRIZ DE EVIDÊNCIAS

Autores e ano	Objetivo	Participantes	Intervenção ou recorte	Resultados principais	Limitações
Acioli et al. (2019)	Analisar tempo de acolhimento e características dos adolescentes por tipo de serviço.	1.300 planos individuais de adolescentes acolhidos no Recife entre 2009 e 2013.	Estudo descritivo quantitativo com dados documentais.	Perfis e duração do acolhimento variaram conforme o serviço; parte dos adolescentes permaneceu além do período esperado.	Estudo local, retrospectivo e baseado em registros institucionais.
Bat Or e Zusman-Bloch (2022)	Compreender experiências subjetivas de crianças que participaram de um ateliê aberto em acolhimento.	Cinco crianças de 7 a 10 anos e 82 produções artísticas.	Entrevistas e análise temática e fenomenológica das obras.	Emergiram temas de vínculo, controle da expressão, visibilidade, estabilidade e mudança.	Amostra pequena, estudo qualitativo e ausência de comparação ou medida clínica.
Blair et al. (2024)	Mapear o apoio de profissionais de saúde a crianças e jovens que vivem ou deixaram o acolhimento.	Treze estudos; cinco relacionados a terapias baseadas em artes.	Revisão sistemática de escopo.	Achados promissores para identidade e necessidades complexas; recomendação de cuidado multidisciplinar.	Poucos estudos, desenhos heterogêneos e evidência limitada de efetividade.
Bosgraaf et al. (2020)	Examinar componentes e mecanismos da arteterapia para problemas psicossociais infantojuvenis.	Trinta e sete estudos com participantes de 4 a 20 anos.	Revisão sistemática narrativa de intervenções de arteterapia.	Grande variedade de materiais e condutas; nenhum recurso se destacou como universalmente superior.	Heterogeneidade, possível viés de publicação e mecanismos de mudança ainda hipotéticos.

Carvalho, Lima e Santos (2026)	Investigar o cuidado e o manejo do sofrimento psíquico em unidades de acolhimento.	Quatorze trabalhadores de quatro unidades públicas de Curitiba.	Entrevistas em profundidade e análise hermenêutica.	Foram observados manejo medicalizado, dependência de serviços especializados e tensão entre regras e necessidades individuais.	Pesquisa local baseada na perspectiva dos trabalhadores, sem entrevistas com adolescentes.
Gameiro et al. (2024)	Avaliar um modelo de intervenção para crianças e jovens em acolhimento residencial.	Quarenta e seis participantes de 6 a 20 anos; 26 no grupo experimental e 20 no controle.	Projeto de três anos com arte, esporte, realidade virtual e atividades relacionais.	Melhoras em apoio social, autoconceito, percepção de agressividade e desempenho cognitivo e emocional.	Intervenção multicomponente, amostra pequena e impossibilidade de isolar o efeito da arte.
Souza,	Compreender a relação entre participação artístico-cultural e saúde mental de adolescentes.	Seis adolescentes de 14 a 17 anos em projetos de arte e cultura de Minas Gerais.	Histórias orais de vida e grupos de discussão com abordagem participativa.	Relatos de pertencimento, sociabilidade, circulação urbana, pensamento crítico e apoio dos coordenadores.	Amostra pequena, contexto não residencial e resultados baseados em experiências autorreferidas.
Trubey et al. (2024)	Avaliar intervenções de saúde mental e bem-estar para jovens em diferentes modalidades de acolhimento.	Trinta e cinco intervenções e 44 avaliações randomizadas.	Revisão sistemática e meta-análise.	Benefícios pequenos no curto prazo para problemas emocionais e comportamentais; ausência de efeito consistente após seis meses.	Risco de viés, imprecisão e pouca evidência para bem-estar subjetivo e suicídio.
Versitano et al. (2025)	Avaliar efetividade e aceitabilidade da arteterapia em condições mentais agudas ou graves.	Vinte e três estudos originais e 67 relatos de caso.	Revisão sistemática de intervenções de arteterapia com crianças e adolescentes.	Boa aceitabilidade e resultados favoráveis para diferentes sintomas e habilidades emocionais e comunicativas.	Variação elevada de contexto, duração, frequência e tipo de intervenção.